

Os da minha rua – na esperança de uma nova primavera

written by Rosa Fonseca | 23 de Setembro, 2023

OCIDADÃO
Jornalismo Livre

Crónica

São os primeiros dias de outono e trazem uma aragem silenciosa. Uns dias de pouco azul a desdenharem um sol coado. E eles, os da minha rua, vão escasseando na calçada. Os primeiros frios não são bons para os seus ossos – dizem-me, quando me cruzo com eles por estes dias. Outros, fazem finca-pé e mantêm-se na espera de um palmo de conversa com os **estudantes da universidade**. Estes trouxeram algum enlevo aos da minha rua.

A vizinha do rés do chão **dá-lhes conselhos** e previne-os de possíveis desventuras. A da janela do lado, de olhar doce, **conta-lhes** que em agosto a rua mete medo, sem gente e que eles são aves de arribação. Alimentam assim uma jovial alegria.

E há os outros que ao longos dos anos vão passando por mim, no seu caminhar pesaroso que se torna visível, o **mundo que carregam nos ombros**. Hoje passei por ela, peregrinava aquele rosto encubado, talvez para dentro das suas tristezas. Ia mal agasalhada. Pareceu-me **mais magra, trémula**. Os cabelos em desalinho e um **descuido** que me inquietou.

Lembrei-me dela, esbelta e decidida. **Dos olhos que se voltavam** quando passava. Um misto de **deusa e mulher**. Alimentava as vozes de uma cidade e toda a **maledicência** de que era denunciada.

Perscrutei-lhe um acordar de manhã difícil. Que faria agora, sem o viço de outrora!? Sem as **noites cheias** daquele respirar intenso e glamoroso onde se movimentava. Talvez ainda lhe viva no corpo o calor **das grandes viagens** às capitais europeias. Talvez ainda misture as lágrimas e o riso que partilhou com os **amantes**. E a muitos se deu e de **poucos recebeu**.

Hoje, corre-lhe um tempo desfocado, escasseia a força e a alma mudou de sítio. Sente-a exposta, fragmentada.

Às vezes, aperta-se como quem emala um filho na ausência de um abraço.

Nada sei da sua **felicidade ou dos seus desencantos**. Mas sei da sua liberdade invejada pelos que nunca ousaram ser.

Não nega um sorriso e retribui.

A rua continua a vê-la passar **com os livros** que requisita na biblioteca do bairro.

Gosta de ler, sentada num pequeno jardim, ali, **onde o ar é respirável e o coração das árvores pulsa a cada primavera**.

Um dia, falámos da vida e de saudade – **saudades**, tenho da rapariga que morreu em mim. E falou-me da dor que sente pelos que não arriscam viver. Quanto à sua própria dor, basta-lhe uma **aspirina**.

Acabámos a sorrir e um afago entre as mãos e prometemos falar de **liberdade no próximo encontro**.

São assim os da minha rua – na esperança de uma nova primavera